



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/entre-o-espanto-e-a-ruina/>

Entre o espanto e a ruína: poesia e respons-habilidade em *O gosto amargo dos metais*

Raquel Taffari Gomide[1]

RESUMO: Este ensaio investiga a potência da linguagem poética diante de eventos extremos, tomando como objeto central a obra *O gosto amargo dos metais* (2022), de Prisca Agustoni, escrita sob o impacto do crime ambiental de Mariana (2015) em Minas Gerais, Brasil. Partindo da premissa de que a recorrência de desastres no Antropoceno gera uma "crise de sensibilidades" e a banalização da dor, argumenta-se que a literatura, ao provocar o "espanto poético", atua como um dispositivo de respons-habilidade. Em diálogo com as reflexões de Donna Haraway e Anna Tsing, o trabalho analisa como Agustoni converte o emudecimento inicial do trauma em uma linguagem "áspera e enxuta" que desacelera a percepção e opera um descentramento antropológico, restituindo a voz a entes sacrificados como o Rio Watu. A análise de poemas selecionados demonstra como a obra desafia a indiferença informativa, funcionando como um "respirador" ético. Conclui-se que a poesia, embora não repare tecnicamente o desastre, reativa a capacidade de nos afetarmos pelas ruínas do presente, permitindo-nos "ficar com o problema" e imaginar novos modos de habitar a terra.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia contemporânea. Antropoceno. Prisca Agustoni. Respons-habilidade. Eventos extremos.

Between awe and ruin: poetry and response-ability in *O gosto amargo dos metais*

ABSTRACT: This essay investigates the power of poetic language in the face of extreme events, focusing on the work *O gosto amargo dos metais* (2022) by Prisca Agustoni, which emerged from the impact of the environmental crime in Mariana (2015) in Minas Gerais, Brazil. Based on the premise that the recurrence of disasters in the Anthropocene triggers a "crisis of sensibilities" and the normalization of suffering, it is argued that literature, by inducing "poetic awe," serves as a device for response-ability. Drawing upon the insights of Donna Haraway and Anna Tsing, the study examines how Agustoni transforms the initial muteness of trauma into a "harsh and concise"



language that slows down perception and enacts an anthropological decentering, giving voice to sacrificed entities like the Watu River. The analysis of selected poems reveals how the work resists informative indifference, acting as an ethical "breather". The essay concludes that while poetry does not offer technical remediation for catastrophe, it reactivates the capacity to be affected by the ruins of the present, enabling us to "stay with the trouble" and envision new modes of inhabiting the earth.

KEYWORDS: Contemporary poetry. Anthropocene. Prisca Agustoni. Response-ability. Extreme events.

"A poesia nasce do espanto."
(Gullar, 2012)

Poesia e responsabilidade em *O gosto amargo dos metais*

Vivemos sob um novo regime climático que reconfigura não apenas o ambiente físico, mas também a maneira como percebemos e habitamos o mundo. Em diferentes regiões do planeta, eventos extremos multiplicam-se e reconfiguram nossa experiência na Terra. No Brasil, o rompimento da barragem em Mariana (2015), em Minas Gerais, tornou-se mais um marco trágico dessa nova condição. A repetição dessas catástrofes revela não apenas um mundo em ruínas, mas também uma crise de sensibilidade: uma dificuldade crescente de perceber e responder eticamente à devastação que nos cerca.

Neste ensaio, o crime ambiental ocorrido em Mariana será invocado através da construção poética de Prisca Agustoni, na obra *O gosto amargo dos metais* (2022, 7letras Editora). Mas antes de mergulhar na vivência da autora neste livro, vencedor do Prêmio Oceanos de 2023, faz-se necessário reiterar que o desastre do rompimento da barragem de Fundão, na cidade de Mariana, é aqui compreendido enquanto um "crime". Para além de uma mera falha técnica, esse crime envolve negligência estatal, impunidade empresarial e seletividade penal. Parto dessa visão política, uma vez que a mineradora Samarco (controlada pela Vale e BHP Billiton), ao usufruir da



permissividade do poder público, destruiu o distrito de Bento Rodrigues, matou 19 pessoas e despejou mais de 40 milhões de m³ de rejeitos tóxicos na bacia do Rio Doce, afetando milhões de vidas humanas e mais-que-humanas, ainda sem responsabilização real penal, civil e moral (Nascimento, 2025). Portanto, trata-se de um crime cometido por uma rede de múltiplos agentes e que ainda deve ser encarado e lembrado por diferentes áreas dos saberes, inclusive pela poesia.

Diante do horror deste crime ambiental que atingiu a bacia do Rio Doce e da dimensão da perda, a poeta Prisca Agustoni, moradora de MG¹, relata ter sido tomada inicialmente por uma espécie de mudez, como se a linguagem fosse incapaz de abarcar o impacto do acontecimento. É justamente desse silêncio que nasce *O gosto amargo dos metais*, livro que transforma o espanto diante da catástrofe em matéria poética. Mais do que narrar o desastre, os poemas produzem um gesto de atenção ao mundo ferido.

Ao analisar alguns poemas da obra, este ensaio propõe pensar a poesia como uma forma de resposta sensível às ruínas do presente. Em diálogo com as reflexões de Donna Haraway sobre responsabilidade e com as leituras de Anna Tsing acerca da vida em paisagens devastadas, argumenta-se que o espanto poético pode funcionar como um dispositivo de atenção capaz de reativar nossa capacidade de nos afetarmos pela catástrofe e, assim, continuar respondendo a ela.

A recorrência de desastres assim nas últimas décadas tem produzido uma paisagem marcada não apenas pela devastação material, mas também por uma espécie de desgaste da percepção. A repetição e saturação de imagens e notícias de rios contaminados, territórios destruídos e comunidades multiespécies afetadas tende, paradoxalmente, a produzir distanciamento: aquilo que deveria nos interromper passa a ser absorvido pelo fluxo contínuo de informações, contribuindo para a banalização da violência. Nesse contexto, o risco não reside apenas na intensificação da crise ecológica, mas também na naturalização progressiva da violência que a sustenta.

É nesse ponto que algumas reflexões contemporâneas sobre o Antropoceno ajudam a compreender o problema em jogo. Para Donna Haraway, habitar um mundo profundamente alterado exige desenvolver formas de responsabilidade, isto é, a capacidade de responder aos vínculos e às consequências de nossas ações e de “ficar com o problema” em um mundo

¹ [1] Prisca Agustoni nasceu na Suíça, atualmente reside no Brasil. É poeta, tradutora e professora de literatura na faculdade de Letras na Universidade Federal de Juiz de Fora.



profundamente interdependente. De modo semelhante, Anna Tsing chama atenção para a necessidade de aprender a viver e perceber nas paisagens devastadas do presente, reconhecendo nelas tanto as marcas da destruição quanto as possibilidades de atenção e relação que ainda persistem.

Nesse horizonte, a crise ecológica contemporânea pode ser compreendida também como uma crise dos sentidos: uma dificuldade coletiva de perceber a gravidade dos colapsos em curso e de sustentar uma relação ética com aquilo que está sendo destruído. Uma dificuldade coletiva de perceber o caráter sistêmico das disparadas emergências ambientais de nossos tempos. É justamente nesse intervalo entre devastação e percepção que a linguagem poética pode operar. Ao desacelerar o olhar e reorganizar a experiência sensível do mundo, a poesia abre um espaço de atenção capaz de interromper, ainda que momentaneamente, a anestesia sensível produzida pela repetição dos desastres.

Diante da magnitude do crime ocorrido em Mariana, a primeira reação da poeta Prisca Agustoni foi o emudecimento. Como ela própria relata em entrevista, a noção da morte de um rio é algo que interrompe a própria capacidade de concepção (Agustoni, 2023), gerando um silêncio ético. No entanto, sua obra *O gosto amargo dos metais* (2022) surge precisamente da tentativa de sair dessa mudez, não através da elocução explicativa, mas de uma linguagem que busca traduzir o silêncio em uma forma "áspera e enxuta" (Agustoni, 2022, p. 69). Nesse sentido, a poesia não atua apenas como um registro do desastre, mas como um exercício de esvaziamento: da lama, da dor e, principalmente, do excesso de palavras que muitas vezes infestam a história e desviam o foco do crime ambiental.

Diferente da velocidade da cobertura jornalística, que consome o horror como mercadoria, a poesia de Prisca opera em um regime de desaceleração. Ela exige uma pausa de reflexão que permite um "passo atrás" para elaborar o trauma coletivo. Ao organizar o livro em "jornadas" (Agustoni, 2022, p. 69), a autora constrói um fluxo que retira a centralidade do eu lírico, transformando a voz poética em mera espectadora de algo muito maior, para dar lugar a uma reconstrução via linguagem do ente sacrificado: o rio.

A obra se configura, portanto, como um espaço de escuta do mundo ferido. Ao invés de uma abordagem frontal e acusatória, Prisca opta por um "olhar oblíquo" (Agustoni, 2023), capaz de



tatear o horror sem a presunção de esgotá-lo, permitindo que a imagem poética perdure e ressignifique a devastação. É nesse intervalo de lucidez que a literatura exerce seu dom de causar espanto. Esse espanto não é paralisante, mas funciona como um "respirador" ou uma "clareira" (Agustoni, 2023) em meio ao sufocamento da lama, devolvendo ao leitor a capacidade de se comover e, conseqüentemente, de se sentir novamente vivo diante da ruína.

Nesse horizonte, a investigação estética de *O gosto amargo dos metais* revela uma poesia que, ao enfrentar a tragédia de Mariana, recusa o mero registro documental para interromper o fluxo da indiferença. O percurso analítico a seguir demonstra como as escolhas formais de Agustoni convertem a mudez inicial do trauma em um testemunho ético, consolidando a obra como um dispositivo de responsabilidade que exige presença e resposta frente ao colapso.

Para começar, a obra volta-se para a existência anterior à da lama, estabelecendo a sacralidade do que foi atingido. A autora inicia o primeiro poema do livro invocando o Rio Doce: "Watu é seu nome". Com isso, ela reconhece Watu como um sujeito de direito e memória ancestral, retirando-o da condição de mero objeto explorável para reconstruí-lo como uma entidade viva. Agustoni opera um descentramento antropológico radical em todo o poema (Agustoni, 2022, p. 9), no qual o humano deixa de ser o centro da narrativa para se reorganizar em torno da importância da existência desse "outro" não humano que possui voz e história própria:

Watu é seu nome, o rio sagrado / em seu leito há mãos / geológicas de
seres vegetais, / plantas pré-históricas / o léxico aquático da língua borum /
um manuscrito fechado na gaveta, / a civilização das raízes flutuantes

Watu é o rio dos dedos como garras / debaixo d'água são ramagens /
enxame de cabelo / colmeias / metamorfoses de formas / e folhas

Estes versos são grafados em itálico e serão retomados no decorrer do livro, como uma voz histórica que emerge das profundezas. Ao usar o recurso linguístico da repetição, intercalando trechos desse primeiro poema no total de 10 vezes ao longo do livro, a autora estabelece que a responsabilidade começa pelo reconhecimento da interdependência entre as linguagens humanas e mais-que-humanas.



Na sequência, inaugurando a jornada (capítulo) "o gosto dos metais", Agustoni opera uma inversão radical do mito da criação ao sentenciar que "no começo era a lama" (Agustoni, 2022, p. 13):

no começo era a lama. / logo irrompe uma pata de cavalo, / nódoa, osso
sem rédeas ou crina, / rótula ou tronco desganhado / da cartilagem nua /
aflores do lodo, resvala / feito pedra ou dormente / lúcido olho enterrado, /
ruína / na cerca dos fetos: enredam-se / líquens ao seu redor / como
serpente / como mãos que apalpam

Ao transformar a lama destrutiva em um elemento originário, a poeta desloca a realidade do desastre para uma narrativa na qual a escavação da paisagem e da história produz novos modos de habitar o mundo. Aqui, o espanto surge do choque material e sensorial com os resíduos do crime, apresentados em sua crueza anatômica: "logo irrompe uma pata de cavalo (...)". A descrição minuciosa da "cartilagem nua" e do "lúcido olho enterrado" impede que a tragédia seja consumida como um dado estatístico distante. Ela nos abre frestas para nos espantar com a corporeidade do que fica e irrompe na lama.

O poema obriga o olhar a deter-se na ruína, transformando o "gosto amargo" em uma experiência física que atesta a gravidade do crime. No decorrer da obra, o enlace inicial entre os restos mortais e os resíduos minerais converge em imagens poéticas como a da "rara flor insurrecta" (p. 13). Esse dispositivo poético dramatiza a experiência das coisas, devolvendo-lhes a condição de figura e exigindo que quem lê recupere a capacidade de se afetar por uma paisagem que resiste sob o peso do metal.

No segundo poema da página seguinte (p. 14) também é possível observar como a autora explicita a reação ética diante do horror:

porque exumar os fósseis / cavar sulcos na memória / para encontrar terra
sobre terra/ ossos sobre ossos / uma história que germina / entre os dentes
/ os sorrisos de foice / ou de lua / tão brancos de espanto / imitam os
gestos de uma boneca / ciosa do segredo / de quem tudo vê mas não tem
voz



Nesses versos, ao trazer que “os sorrisos de foice” tornam-se brancos devido ao “espanto”, Prisca parece mostrar como a morte do rio, de Watu, pode impactar a capacidade humana de concepção. Ela também parece mostrar a paralisia do espanto ao invocar a imagem poética de uma boneca muda, mas que “tudo vê”. Ao nomear esse estado de impacto, a poesia atua como uma “clareira”, permitindo que o leitor saia da apatia informativa para o campo da comoção. O impacto ganha nome, cor e imagem para que se abra uma fresta de emoção, isto é, para que o espanto retorne ao nosso corpo afetivo. Prisca parece intuir que sentir o espanto é, nas ruínas dos nossos tempos, o gesto que nos permite recuperar a esperança perdida na lama. O espanto é o húmus que germina as sementes dos sentidos anestesiados pela repetição dos desastres e crimes ambientais.

Ao final do livro, na jornada “Mudos como insetos”, a obra propõe uma aliança com o tempo da terra através da imagem poética das tartarugas do Watu (Agustoni, 2022, p. 63). O espanto diante da destruição moderna abre espaço para uma temporalidade de resistência e espera.

as tartarugas do watu / fecharam-se no casco / com o primeiro sinal de
perigo / desceram até os seixos / durante meses / durante anos / e
aguardam a volta / da rotação dos astros

A poesia de Agustoni não oferece um final reconciliado, mas ensina que a resposta ética exige cultivar a paciência de uma tartaruga para “ficar com o problema”. Nesses versos, o casco persiste sob os escombros, aguardando que a vida possa novamente florescer na adversidade. A autora desloca a medida do tempo humano para a perspectiva dos astros, apontando assim, mais uma vez, para uma atenção além da retina humana.

Se a imagem das tartarugas nos ensina a temporalidade mais-que-humana, outros versos de Agustoni apontam para uma possível ação da linguagem humana. A poeta nos lembra que, para habitar o presente, é preciso: “da escrita cuneiforme / herdar a fúria / de refundar algo / em cima da ruína” (Agustoni, 2022, p. 17).

Nesta passagem, a menção à “escrita cuneiforme” remete aos primórdios da civilização e da palavra, sugerindo que o desastre em Mariana nos forçou a um retorno à “estaca zero” do humano. Regressar até este ponto pode ser também uma forma de revisitar a fundação da



linguagem e, quem sabe, escolher formas de escrita que não sucumbem ao padrão civilizatório que ergue tantas violências. A "fúria" herdada nesses versos não é um sentimento destrutivo, mas a energia vital necessária para não sucumbir à anestesia sensível. Refundar sobre a ruína significa, portanto, transformar o cenário da devastação causada pela civilização em terra fértil. E isso envolve espantar-se também com as vidas que não “andam eretas”, como a autora anuncia no seguinte verso (Agustoni, 2022, p. 16):

no ato de andar ereto, / é toda uma civilização que se levanta

Essa perspectiva dialoga profundamente com o pensamento de Anna Tsing (2019), que nos convida a aprender a "viver nas ruínas" observando formas de vida que florescem na adversidade. Para Tsing, as paisagens devastadas não são apenas fins de mundo, mas locais onde a interdependência e a colaboração multiespécie podem gerar novas possibilidades de existência. Na poesia de Prisca, essa refundação ocorre quando o rio, os animais e a memória dos mortos deixam de ser "restos" para se tornarem os alicerces de um novo modo de habitar a terra. A autora tenta incorporar essas entidades mais-que-humanas e suas perspectivas em diferentes poemas. Nos dois poemas a seguir, é possível observar como sua escolha de vocabulário e ritmo também sugerem uma aliança entre diferentes seres e temporalidades (Agustoni, 2022, p. 25):

no front da floresta / só o rastro nas pedras / do rabo de anfíbio /
pré-histórico

Se neste poema a autora evoca um coletivo multiespécie, um “front” que luta pelos seus direitos, no poema seguinte do livro (Agustoni, 2022, p. 26), ela nos mostra que essa corporeidade é forte, tem “músculo”, sabe ver, resistir e “testemunhar” os crimes da civilização humana. E, melhor, sabe “cobrar”:

tingir corpo de lama, / as palavras de silício

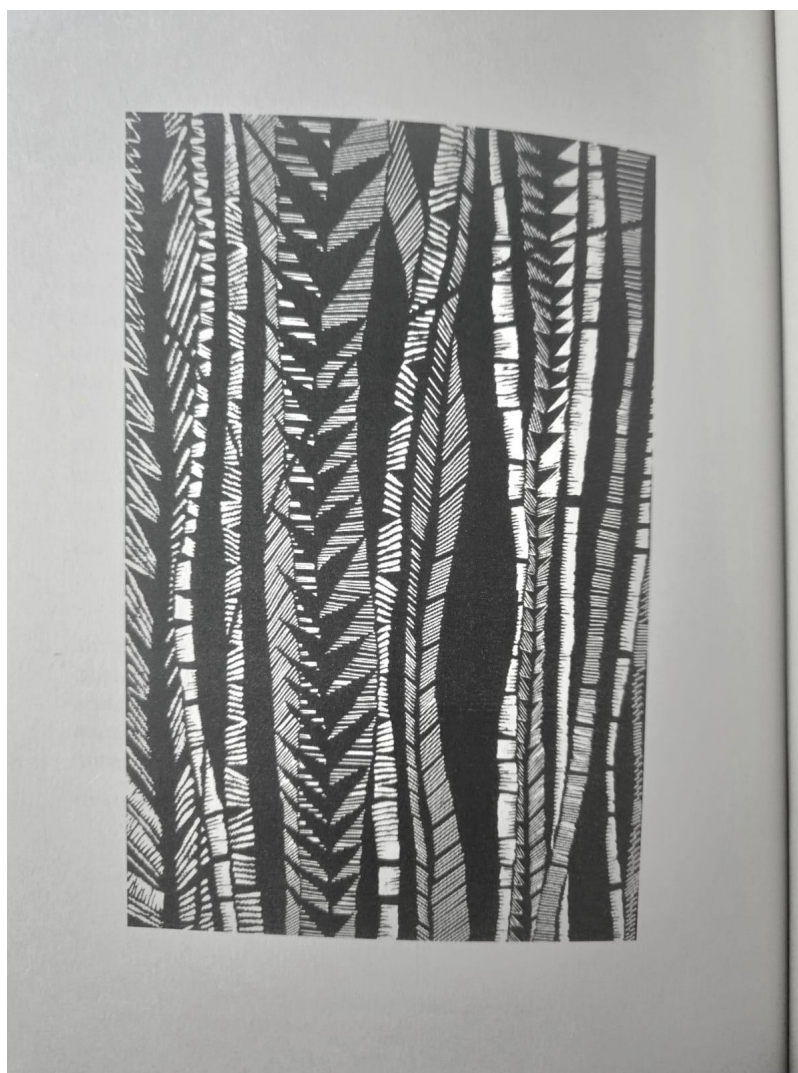
músculo das folhas/ se dobra e se encolhe, / olho cilíndrico da mata / que
tudo testemunha / e cobra



na hora certa

A autora encerra o livro com a obra imagética da artista Ariane Blan-Quenon, também responsável pela capa da obra. Prisca explica que a gravura em relevo (Figura 1) é fortemente inspirada no mundo vegetal. Evocando o poder das imagens, também compartilho abaixo um registro fotográfico de Watu (Figura 2). A fotografia de Flávio Tavares, publicada no jornal “O Tempo”, mostra o Rio Doce na Terra Indígena Krenak.

Figura 1: Gravura em relevo



Fonte: Reprodução da obra de Ariane Blan-Quenon/ livro *O gosto amargo dos metais*.



Figura 2: Rio Doce na Terra Indígena Krenak



Fonte: Fotografia de Flávio Tavares/Jornal *O Tempo*. Disponível em: [‘Me mataram’: a mulher que ouviu o ‘Watu’ se despedir](#)

Diante da magnitude de eventos extremos, como o crime ambiental de Mariana, a literatura de Prisca Agustoni parece provar que a arte é um dispositivo indispensável de responsabilidade. Ao recusar a banalização jornalística e optar pelo "olhar oblíquo", *O gosto amargo dos metais* (2022) cumpre o papel de "respirador" em meio ao sufocamento da lama.

O espanto, enfim, revela-se como um irrigador que nos permite atravessar a catástrofe sem nos tornarmos indiferentes a ela. Como vimos, a poesia não oferece o consolo de uma restauração técnica, mas algo talvez mais urgente em um mundo ferido: a capacidade de nos comovermos diante do que restou. Refundar algo sobre as ruínas de Mariana é um ato de resistência ética; é o gesto de quem, herdeiro da fúria e da memória ancestral e mais-que-humana, ainda acredita na



possibilidade de adiar o fim do mundo (Krenak, 2019) e a queda do céu (Kopenawa, 2015) através da fabulação e da escuta sensível da terra. Diante das ruínas do Antropoceno, o espanto é o que nos mantém vivos, atentos e, sobretudo, presentes.



Bibliografia

AGUSTONI, Prisca. **O gosto amargo dos metais**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022. 78 p.

AGUSTONI, Prisca. **O gosto amargo dos metais, de Prisca Agustoni**. Entrevista concedida a Ricardo. [S. l.]: Canal Outro Livro – conversas literárias, 2023. 1 vídeo (57 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LW8ilHZGKvc> . Acesso em: 6 mar. 2026.

GULLAR, Ferreira. Entrevista. **Caiana – Revista de História da Arte e Cultura Visual**, 2018. Disponível em: <https://caiana.caiana.com.ar/entrevista/2018-2-13-e01/> . Acesso em: 6 mar. 2026.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo** (Nova edição). Editora Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Adriano. **Criminologia do Desastre**: Tragédias Anunciadas e o Papel do Estado. Disponível em: [Criminologia do Desastre: Tragédias Anunciadas e o Papel do Estado | Jusbrasil](#) . Acesso em: 17 mai. 2026.

TSING. Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno**. Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Recebido em: 15/04/2026

Aceito em: 15/06/2026

[1] Raquel Taffari – Mestranda em Divulgação Científica e Cultural pelo Programa de Pós-graduação do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (PPG/Labjor/UNICAMP). Email: taffari.raquel@gmail.com